



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após jantar oficial oferecido pelo Presidente de Moçambique, Armando Guebuza**

**Maputo-Moçambique, 09 de novembro de 2010**

**Jornalista:** Boa noite, Presidente.

**Presidente:** Gente, eu quero saber o seguinte – boa noite – vocês têm alguma pergunta nova para fazer para mim? Têm?

**Jornalista:** Várias, várias.

**Presidente:** Que vocês não fizeram para o Celso, que não fizeram ontem? Vamos lá, para a gente ganhar tempo. Está bem?

**Jornalista:** A gente quer saber quais são as propostas que o senhor vai levar...

**Jornalista:** As propostas do G-20.

**Jornalista:** As propostas concretas que o senhor vai levar lá para o G-20, que o senhor pode antecipar para a gente.

**Presidente:** Veja, primeiro, no G-20 a gente não leva propostas, gente. O G-20 não é um congresso em que a gente leva tese para ser aprovada. No G-20 você leva ideias para serem debatidas. Eu disse, ontem, para vocês quais são as ideias que nós pretendemos levar para o G-20. Nós estamos, desde que começou a crise econômica em 2008, dizendo que só existe uma possibilidade de a gente resolver definitivamente o problema da crise econômica, que é



aumentar o comércio entre os países, que é evitar de qualquer forma o protecionismo entre as nações que fazem comércio mundial. A segunda coisa que a gente fez questão de dizer é que cada país precisa fazer as políticas anticíclicas que nós fizemos para gerar empregos, gerar consumo, gerar renda e gerar empregos, tudo o que aconteceu no Brasil. Ora, como os países ricos, habitualmente, tentavam dar lições ao Brasil de como a gente fazer, seria importante que, humildemente, agora, eles fossem aprender o que nós fazemos, para que eles pudessem adotar políticas iguais. Quando aconteceu a crise, nós resolvemos o problema da indústria automobilística brasileira em um mês; teve país que levou sete meses para resolver o seu problema. Nós resolvemos o problema do crédito em dois meses; teve país que não resolveu ainda o problema do crédito. Quando aconteceu a crise da Grécia, demorou-se mais de três meses para encontrar uma solução para a Grécia e permitiu-se que um país pequeno causasse uma coisa muito grave em toda a Europa. Ora, como eu tenho dito desde que tomei posse no Brasil, que em política econômica não tem mágica, política econômica exige seriedade, previsibilidade e tomada de decisões rápidas, na questão do G-20 nós temos que ter previsibilidade. Por exemplo, no sistema financeiro ainda não existe uma política de regulação, ou seja, não tem um instrumento de fiscalização do sistema financeiro. Quando a crise acontecia na Nicarágua, na Bolívia ou no Brasil, estava cheio de palpitesiros, que davam palpite de como encontrar uma solução para a crise dos países pobres. Agora que a crise foi nos países ricos, não tem ninguém dando palpite de como eles resolverem o problema. Então, eu estou dando um palpite: faça como se faz no Brasil, que as coisas ficam mais fáceis. A segunda coisa que eu acho importante é a seguinte: é a questão da política de câmbio. Não é correto que em uma economia globalizada países tomem decisões para resolver os seus problemas sem levar em conta a consequência de acontecimentos em outros países. Quando um país que produz a moeda resolve desvalorizar a sua moeda, no intuito de aumentar a



sua competitividade no mercado internacional, causa transtornos a outros países que dependem do sequenciamento de uma política comercial no mundo para continuar crescendo de forma justa. Então, eu penso que esse será um debate, um debate importante sobre desenvolvimento, sobre política monetária, sobre política cambial, sobre comércio. As pessoas fingem, fingem que não levamos dez anos discutindo a necessidade de fazer um acordo comercial, que era o famoso acordo de Doha. Nós chegamos a um milímetro de fechar o acordo e, por conta dos Estados Unidos e por conta da Índia, por problemas eminentemente eleitorais a gente não concluiu o acordo. Já faz dois anos e a gente não retomou. Ora, sem que haja um aumento do comércio, um aumento do consumo, um aumento da produção, fica mais difícil resolver o problema da crise. E veja aqui que absurdo: é a primeira vez neste século, ou mesmo no século XX, que a crise acontece nos países ricos, que a solução é encontrada primeiro nos países pobres, e quem está sustentando a economia mundial são exatamente os países mais pobres. Os países em desenvolvimento, os BRICs, América Latina e África. Esse é o dado econômico que nós temos para discutir no G-20. No mais, é o encontro de amigos. No meu caso, é o encontro de alguém que vai se despedir e que vai apresentar a nova presidenta do Brasil.

**Jornalista:** Presidente, o Obama disse hoje que...

**Presidente:** Quem disse?

**Jornalista:** Obama. Disse hoje que as soluções... as medidas adotadas pelos Estados Unidos nessa questão econômica, (incompreensível) são boas para os Estados Unidos, são boas para todos. É uma postura arrogante?

**Presidente:** Olha, é bem possível, porque as que foram ruins para os Estados Unidos, foram ruins para nós. É bem possível. Quando os Estados Unidos



erram, o efeito de um erro americano pode causar transtorno em vários outros países. Quando a política americana aumenta o consumo, aumenta o emprego, aumenta a renda, aumenta o poder de compra das pessoas, isso é bom, é bom para a Europa, é bom para o Brasil, é bom para a América Latina. Agora, a verdade é que o que é bom para os Estados Unidos é bom para os Estados Unidos, o que é bom para o Brasil, é bom para o Brasil. Se a gente entender assim, fica melhor, mais claro e mais soberano o comportamento de cada país.

**Jornalista:** O senhor vai se encontrar com o presidente Sarkozy. O senhor pretende...

**Presidente:** Eu não sei se eu vou encontrar.

**Jornalista:** Não está fechado?

**Presidente:** Não, é que eu não sei o horário. O horário está muito apertado, tem muita coisa, e eu tenho que voltar porque no sábado eu sou padrinho de casamento lá em São Bernardo.

**Jornalista:** Se o senhor tiver (incompreensível)?

**Presidente:** Então, tudo o que eu estou pensando é o seguinte: eu não posso atrasar a minha saída de Seul porque eu sou padrinho de casamento em São Bernardo.

**Jornalista:** Quem vai casar, Presidente?

**Presidente:** Uma filha de um companheiro meu.



**Jornalista:** Se o senhor tiver oportunidade de se encontrar com ele, o senhor vai aproveitar para tentar discutir a questão dos caças, fazer uma pressão para ver se eles baixam mais o preço?

**Presidente:** Não, não, não. Essa coisa é tão importante que a gente não debate *en passant*, como se fosse uma coisa “se não tem tu, vai tu mesmo”. Não. Essa coisa é o seguinte: para discutir os caças você tem que ter uma reunião de chefe de Estado do Brasil com o chefe de Estado da França e discutir de forma mais séria. Eu, sinceramente, não sei se há tempo de discutir muitas coisas, fora os problemas econômicos, porque a reunião é muito apertada, é uma agenda muito apertada.

O que eu acho importante é que a gente tire proveito dessa reunião para a gente dar os passos que precisam ser dados para resolver os problemas econômicos que não estão resolvidos ainda. Nós estamos alertando: se não for resolvido o problema do crédito, o problema do consumo e o problema do câmbio, e tudo isso está ligado ao problema do aumento da produção nos países ricos, nós poderemos continuar a ter a economia debilitada. No Brasil, vocês sabem, nós vamos bem, graças a Deus.

**Jornalista:** Presidente, nessa questão cambial, o Brasil vai levar algum... Nessa questão cambial, Presidente, o Brasil vai levar algum palpite mais concreto para China ou Estados Unidos?

**Presidente:** Não, nós vamos levar, nós vamos fazer essa discussão que eu acabei de falar. Não é possível que alguns países resolvam desvalorizar sua moeda para obter vantagens internas, sem levarem em conta os prejuízos que causam em outros países. É preciso que o câmbio seja flutuante, mas que haja um equilíbrio entre as políticas cambiais.



**Jornalista:** Presidente, o senhor colocou essa problemática...

**Jornalista:** Presidente, em oito anos de governo, o que o senhor aprendeu com a África?

**Presidente:** Espera um minutinho. Aqui.

**Jornalista:** É que o senhor mesmo colocou essa problemática, hoje, da questão das empresas brasileiras não serem predatórias aqui. O senhor se reuniu com as empresas hoje, não é? A Vale é criticada aqui pela questão do impacto nas comunidades lá no Norte do país. E Camargo Corrêa, é uma questão dos estudos de viabilidade ambiental da represa. Eu queria saber como é que o seu governo se posiciona em relação a isso, de um lado, cobrando que elas não sejam, e, de outro, tendo essas (incompreensível).

**Presidente:** Veja, primeiro, quem decide sobre a questão de políticas ambientais num país é o país. Não é o Brasil que, de fora, vai dizer que Moçambique não está cumprindo a legislação ambiental. Respeito é bom, nós damos e gostamos de receber. Portanto, Moçambique define qual é a política ideal para a questão dos investimentos brasileiros aqui. Quando eu disse que as empresas não podem ser predatórias é porque nós temos um modelo do começo do século XX, até meados do século XX e até a Segunda Guerra Mundial, que nós não queremos mais. É preciso, urgentemente, que todo e qualquer processo de investimento leve em conta o investimento, o desenvolvimento, mas leve em conta a preservação ambiental. Hoje é mais do que nunca, até porque os investimentos passam a ser uma vantagem comparativa quando você leva em conta a questão da preservação ambiental, porque a questão do clima passou a ser um componente extraordinário do desenvolvimento e do crescimento econômico e da relação entre as nações.



**Jornalista:** Por que o senhor fez esse comentário, Presidente? Alguém comentou com o senhor? Porque aqui nos jornais, por exemplo, se comenta das atitudes imperialistas, até, de países que vêm aqui para fazer só exploração. Foi motivado por alguma coisa que o senhor...

**Presidente:** Não, não, não. Eu não tinha lido, é apenas intuição. É porque como a gente anda muito, a gente fica sabendo o que acontece em todo lugar, e nem precisa nem ler o jornal para a gente saber como é que acontece. Eu acho que o continente africano é uma oportunidade para o Brasil e para muitos outros países, e cada país tem uma noção de desenvolvimento. Pode ser que tenha país que ache que deva vir a Moçambique apenas para retirar matéria-prima, levar para o seu país, em detrimento do desenvolvimento do Estado de Moçambique, da geração de empregos, da distribuição de renda.

Nós não pensamos assim. Nós pensamos que qualquer política de investimento tem que levar em conta uma espécie de parceria. Se o Brasil precisa de alguma matéria-prima de Moçambique, se Moçambique tem a matéria-prima para oferecer, é importante que a empresa brasileira pense em fazer investimento em Moçambique, para que parte da riqueza seja trabalhada aqui mesmo, para gerar o desenvolvimento que nós queremos gerar no Brasil. Então, é por isso que eu falo muito da questão predatória. Nós temos que ter mais cuidado, mais responsabilidade e, eu diria, mais colaboração para ajudar os países a se desenvolverem.

**Jornalista:** Nesse sentido, a Vale vai ter... anunciar um apoio ao financiamento. O senhor pode adiantar alguma coisa sobre essa...?

**Presidente:** Não, não posso, não posso. Pela Vale, fala a Vale. Já seria demais eu falar... Aquele companheiro fez uma pergunta sobre a África.



**Jornalista:** Nesses oito anos de governo, o que o senhor aprendeu com a África?

**Presidente:** Olha, eu aprendi que nós perdemos muito tempo em não trabalhar junto com a África. Eu penso que se o Brasil tivesse feito uma política mais arrojada de aproximação com a África, a gente poderia ter construído muito mais. Houve um tempo em que se achou que o Oceano Atlântico era uma separação entre África e Brasil, quando, na verdade, o Oceano era o caminho entre a África e o Brasil. Nós perdemos muito tempo em não descobrir isso, e eu acho que antes tarde do que nunca. Nós descobrimos, eu visitei mais de... fiz mais de 12 viagens à África, visitei quase 30 países, e acho que o Brasil continuará com essa política de aproximação com a África.

Pronto, gente. A última, a última, a última.

**Jornalista:** Por que escolheu Moçambique para se despedir da África?

**Presidente:** Hein?

**Jornalista:** Por que escolheu Moçambique para se despedir da África?

**Presidente:** Veja, é que eu tinha compromissos com Moçambique, eu tinha compromissos com a empresa de antirretrovirais, eu tinha compromisso com a Universidade Aberta e, portanto, como está ficando curto o tempo de mandato, eu tinha que vir para cá. Se alguém prorrogasse mais uns dias, eu poderia vir depois, mas... Então, tem que ser agora. É a última viagem minha, eu vou ter...

**Jornalista:** Não está muito satisfeito com a demora da fábrica?



**Presidente:** Não, é que eu acho que tem problemas de ordem burocrática em todos os países. Teve problema de falta de recursos aqui em Moçambique, que nós pedimos para a Vale cobrir US\$ 4 milhões que precisam ser cobertos, mas, finalmente, está tudo resolvido. Da parte do Brasil, todos os equipamentos já estão comprados. Nós esperamos, em 2012, estar produzindo remédio aqui para vender para quem precisa. Inclusive, se for necessário, o Brasil comprar o excedente para poder tornar a fábrica uma fábrica competitiva.

**Jornalista:** Presidente, a presidente Dilma está reclamando ou preocupada com gastos que estão ficando... que o Congresso está discutindo e que podem ficar para o governo dela. Estão chamando de “bombas fiscais”. O senhor está deixando alguma herança...

**Presidente:** Não, ela não me falou, não me falou isso.

**Jornalista:** Diz que, hoje, nas reuniões...

**Presidente:** Não me falou.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Ela vai ter oportunidade de falar para mim agora. A Dilma, ela terá, da minha parte, toda facilidade que for necessária para que a gente possa construir o melhor orçamento possível para ela. Agora, a verdade é que nós temos compromissos de investimento público e, se nós deixarmos restos a pagar, são restos a pagar de obras que estão em andamento. Portanto, não tem nenhum problema. Obras, aliás...

**Jornalista:** Aumento de Judiciário, aumento, aumento de Congresso, aumento



até do salário dela, no Congresso...

**Presidente:** Não, veja, essas coisas... Veja uma coisa. Vamos diminuir o (incompreensível), Tânia, só para a gente entender. Não há nenhuma novidade de que no final de uma legislatura eles aprovem o salário para a próxima legislatura. Isso é da Constituição. Somente no meu mandato é que fizeram uma sacanagem comigo, em 2002, aprovaram só para a Câmara e para o Senado e não aprovaram para o presidente da República, e eu não reclamei. No dia 2 o presidente do Senado, que era o Ramez Tebet, me procurou para dizer: "Presidente, tem uma brecha para a gente poder dar o seu aumento". Eu falei: ó, meu filho, pode deixar para lá porque eu não quero, como primeira medida, o aumento do presidente. Fique tranquilo que eu...

**Jornalista:** É justo, então, que se...

**Presidente:** ...ganho pouco, mas ganho mais do que eu ganhava na Villares. Fique tranquilo.

**Jornalista:** Tem que resolver esse problema.

**Presidente:** Eu acho que o Congresso tem que aprovar o salário para a próxima legislatura e, conseqüentemente, aprovar o salário do Executivo. É o mínimo que eu espero que eles façam, com a coragem de, publicamente, dizer o que eles acham que vale o salário de um deputado, o que vale o salário de um senador e o que vale o salário do presidente da República. É muito melhor dizer...

**Jornalista:** É justo? Resolvia esse problema.



**Presidente:** É lógico que é justo. É muito justo e necessário porque se não fizer agora, não faz mais.

Pronto?

**Jornalista:** Obrigada, Presidente.

**Presidente:** Até amanhã, queridos. Até amanhã, até amanhã, até amanhã.

(\$31EGJLMQ)